

A PAISAGEM DE GUIMARÃES ROSA: O ESPAÇO GEOGRÁFICO COMO REPRESENTAÇÃO DA ALMA DO HOMEM SERTANEJO

Juliana Rodrigues Salles

Isaura Santos Souza

Erick Naldimar Santos

Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS. Mestre em Estudos literários.

Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS. Mestranda em Estudos literários.

Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS. Mestre em Estudos literários.

A

s questões espaciais no trabalho de Guimarães Rosa são tão relevantes quanto os outros elementos, como os personagens, o tempo, o enredo etc., pois são fundamentais para o desenvolvimento das situações trágicas, cômicas, dramáticas, fantásticas, românticas e amorosas da sua prosa. O trabalho objetiva discutir, através da análise dos contos “Os irmãos Dagobé” e “Sarapalha”, com o apoio de alguns teóricos e do dicionário de símbolos, o quanto a personalidade, valores, relações e atitudes dos personagens estão interligados ao sertão e a suas particularidades regionais, assim como as mudanças internas estão vinculadas diretamente a transformações externas. Os contos adotados para estudo, um de narrativa curta e outro de narrativa mais extensa possuem formas diferentes de mostrar o quanto o sertão tem uma forma particular de penetrar a alma do indivíduo e determinar o rumo das perspectivas inerentes ao homem, como sobrevivência, abandono, solidão e a linha tênue entre a vida e a morte.

Resumo

Palavras-Chave: Guimarães Rosa. Paisagem. Sertão. Representação.

O senhor mire, veja: o mais importante e bonito, do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas - mas que elas vão sempre mudando. Afinam ou desafinam, verdade maior. É o que a vida me ensinou. Isso que me alegra montão. (ROSA, 1963, p.24).

João Guimarães Rosa (1908-1967) é considerado um dos maiores escritores brasileiros e tem na paisagem rural, mais precisamente o sertão brasileiro, a força maior de sua escrita, em seus contos ou romances. Geralmente são histórias de camponeses, gente da maior simplicidade, em pequenas cidades ou arraiais, entregues à própria sorte, com regras e expressões linguísticas próprias, regionais e com atitudes humanas, sejam de benevolência ou violência sem a preocupação de culpá-las nem julgá-las por seus atos. São locais e figuras humanas retratados em suas condições agrestes de sobrevivência, uma representação de paisagens esquecidas no tempo e de grupos sociais desfavorecidos, pessoas maltratadas, marginalizadas, excluídas. É uma divulgação agrária sem militâncias escancaradas ou tentativas de imposições de mudanças.

Quanto ao espaço, a maior parte das histórias é passada em ambiente rural. Nem sempre são explícitos quais são os locais, vê-se o retrato de paisagens sertanejas, cheias de fazendas, arraiais, povoados, rios, morros, etc. A ambientação é distante da realidade da maioria dos leitores, com diverso modelo de civilização com regras e leis próprias, são espécies de universos autônomos, mas sua habilidade de descrição das paisagens e dos personagens juntamente com a integração e harmonia entre eles faz com que o leitor rapidamente se familiarize com o contexto e com o ambiente relatado nas histórias.

Guimarães Rosa externou sua habilidade linguística e literária em romances como **Grande sertão: veredas**, mas também é muito reconhecido pela diversidade e complexidade dos seus contos. Tanto na coletânea **Primeiras histórias**, publicada em 1962, quanto em **Sagarana**, publicado em 1958, as histórias montam episódios aparentemente banais, mas contemplam temas psicológicos, fantásticos, satíricos, regidos hora pelo tom cômico, hora trágico, lírico, poético ou popular. Uma diversidade de temas, de personagens e de paisagens que se misturam e que podem provocar grandes surpresas ao final da leitura. Reforçando essa afirmativa sobre a força dos contos de Guimarães Rosa, Júlio Cortázar, descreve o quanto precisa ser bem elaborada a atividade de um contista:

“Um bom conto é incisivo, mordente, sem trégua desde as primeiras frases. Não se entenda isso demasiado literalmente, porque o bom contista é um boxeador muito astuto, e muitos dos seus golpes iniciais podem parecer pouco eficazes quando, na realidade, estão minando já as resistências mais sólidas do adversário” (CORTÁZAR, 1974, p.152)

O autor em questão pode ser considerado um desses “boxeadores”. Ao ler os contos de **Primeiras estórias** e **Sagarana** é visível que o autor está imerso no anedotário popular, na contação de histórias, pois não faltam elementos de anedota, fábula ou mitos, e está presente a preocupação em construir narrativas originais e repletas de novidades.

Vera Mayrinck Melo em **Paisagem e simbolismo**, afirma que “No enfoque da geografia humanista, todo ambiente que envolve o homem, seja físico, social ou imaginário, influencia sua conduta” (MELO, 2001, p.33). Sob essa perspectiva, serão analisados os diálogos entre o espaço geográfico nos contos “Os Irmãos Dagobé” e “Sarapalha” com a personalidade dos personagens principais. Esses dois contos são exemplos do uso do espaço geográfico e a importância das características regionais para representar a alma dos personagens e seus fatos cotidianos.

Rosa trata a questão espacial relacionando o sertanejo com o ambiente vivido por ele, o sertão e suas particularidades têm uma forma muito especial de penetrar na alma do homem.

“Os irmãos Dagobé”, presente em **Primeiras estórias**, é uma narrativa curta, tensa, atrativa e, resumidamente, fala sobre Liojorge, um homem pacato e de bons antecedentes que, ao ser desafiado por Damastor Dagobé, um cruel facínora da região, acaba assassinando-o em legítima defesa. Em uma atitude corajosa e inesperada, manda avisar aos irmãos do finado que nunca teve a intenção de matá-lo e se voluntaria a ir ao velório e ajudar a carregar o caixão.

Todo o espaço tem características do sertão: um pequeno arraial, com cenário restrito, povoado por pessoas simples e pobres com uma linguagem regional particular. Local tão acanhado que não há nem a figura de um padre. Como boa parte das histórias de Guimarães Rosa, a paisagem é parte integrante da trama e não serve somente como um necessário pano de fundo. A rudeza e secura do sertão interiorano confundem-se com a personalidade de alguns dos personagens principais, que têm a mesma secura

na alma, são inexplicavelmente violentos e rudes, adicionados a um instinto selvagem e primitivo de ferir ou matar.

Durante a narrativa vai se tornando questionável a ideia de que todos eles tinham mesmo essa maldade arraigada, ou era uma espécie de “máscara” imposta por Damastor, já que está claro que o mais velho dava o exemplo e era mais monstro do que humano. “Viviam em estreita desunião, sem mulher em lar, sem mais parentes, sob a chefia despótica do recém finado. Este fora o grande pior, o cabeça, ferrabrás e mestre, que botara na obrigação da ruim fama os mais moços – “os meninos”, segundo seu rude dizer”. (ROSA, 1979, p.73)

O dia do enterro é descrito com uma chuva incomum, mudando sempre de intensidade. O enterro prosseguiu seguido por um ramo de gente, uma pequena multidão. A rua estava enlameada. “Caía uma chuvinha. Caras e roupas se ensopavam...” (ROSA, 1979, p.73). Esse evento incomum no sertão era um sinal das mudanças vindouras. “...A chuva é universalmente considerada o símbolo das influências celestes recebidas pela terra. É um fato evidente o de que ela é o agente fecundador do solo, o qual obtém a sua fertilidade dela” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2000, p. 235). Os irmãos de alma seca, dura e aparentemente impenetrável, como o solo do sertão começavam a sentir brotar a mudança, e acompanhando a fina chuva que já começava a modificar a paisagem de onde viviam, começavam também a plantar outros objetivos diversos de tudo o que era esperado deles.

A água e as chuvas presentes no conto possuem, portanto, funções bastante simbólicas. Seria para Liojorge a prova do perdão divino pela sua infração e para os Dagobés, o início de uma vida nova, livres da tirania do irmão prestes a ser enterrado. Ainda seguindo o Dicionário de símbolos, a inserção do elemento água no texto pode ter muitos significados:

Possui por si mesma, uma virtude purificadora e, por mais esse motivo, é considerado sagrada. Onde seu uso nas abluções rituais. Por sua virtude a água apaga todas as infrações e toda mácula. A água do batismo, e só ela, lava os pecados, e só é conferida uma vez porque faz acender a um outro estado: o do homem novo. Essa rejeição do homem velho, ou melhor, essa morte de um momento da história, é comparável a um dilúvio, porque este simboliza uma desapareição, uma destruição: uma era que se aniquila, outra surge. (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2000, p.236)

Ao entrar no cemitério logo se via no letreiro: “Aqui todos vem dormir”. Mais um elemento simbólico da trama: o cemitério era uma espécie de portal; o irmão déspota ficaria lá, em sono eterno e os outros, ao sair, despertariam para uma vida nova. Enquanto Damastor fazia sua transposição para o mundo dos mortos, os outros transitavam para outros planos em vida.

Com o enterro terminado, os Dagobés agradeceram a todos “Sacudiam dos pés a lama, limpavam as caras do respingado. Doricão, já fugaz, disse, completou: — *“A gente, vamos embora, morar em cidade grande...”* O Enterro estava acabado. E outra chuva começava.” (ROSA, 1979, p.78. Grifo do autor)

Mais uma vez a água servia como força mística do indício de um recomeço. Deixariam a paisagem sertaneja para se aventurar na cidade grande. Aquela atmosfera, aquele espaço onde eles não tinham relações afetivas e forçadamente estavam englobados, já não era interessante. A mudança de paisagem servirá, segundo as suas grandes esperanças, como um início de uma nova vida. O povoado não é mais um local confortável aos irmãos, que anseiam mudar. “Se as águas precedem a criação, é evidente que elas continuam presentes na recriação. Ao homem novo corresponde a aparição de um novo mundo” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2000).

Partindo desse princípio, para mudar de vida e de conduta, os irmãos acreditavam que precisariam ir para um plano exterior, saindo do sertão é que o sertão sairia de dentro deles.

Em “Sarapalha”, um dos contos de Sagarana (2012), Guimarães Rosa conta a história de dois primos, Argemiro e Ribeiro, vítimas de uma febre que dizimou todo o povoado em que moravam e vivem abandonados em uma fazenda, sem mulheres, sem filhos, acompanhados por Ceição, uma preta velha que faz os serviços da casa, e o cachorro Jiló. Vale ressaltar que até na escolha do nome do cão há uma referência simbólica: a amargura em que os homens viviam. Ribeiro sofre por causa do abandono da esposa, que fugiu com um boiadeiro em sua juventude e Argemiro sofre por amar em segredo a esposa de Ribeiro, Luísa. São como irmãos inseparáveis até a revelação deste segredo.

Assim como no conto dos “Dagobés”, Sarapalha invoca um espaço que não é apenas acessório da trama, é um local repleto de memórias, vivências e espelho do interior dos personagens. Os dois primeiros parágrafos do conto já são marcados pela exploração do ambiente: “Tapera do arraial. Ali, na beira do rio

Pará, deixaram largado um povoado inteiro: casas, sobradinho, capela; três vendinhas, o chalé e o cemitério; e a rua, sozinha e comprida, que agora nem mais é uma estrada, de tanto que o mato a entupiu. Ao redor, bons pastos, boa gente, terra boa para o arroz. E o lugar já esteve nos mapas, muito antes da malária chegar” (ROSA, 2012, p.136)

O espaço físico em “Sarapalha” denota o abandono de uma região por causa de uma epidemia de malária e espelha o abandono pessoal e afetivo dos primos, angustiados e consumidos pela doença e solidão. O pequeno arraial até constava nos mapas, mas a disseminação da febre deixou tudo abandonado, até o caminho “de tanto que o mato entupiu”, “quem foi s’embora foram os moradores: os primeiros para o cemitério, os outros por aí afora, por este mundo de Deus” (ROSA, 2012, p.137). A descrição da paisagem reitera o sentimento de abandono dos personagens que estão apenas à espera da morte. “O povoado fechou-se em seus restos, que nem o coscorão cinzento de uma tribo de maribondos estéreis” (ROSA, 2012, p.138), da mesma forma que os primos se recolheram em uma fazenda abandonada as pragas.

Ao contrário dos irmãos Dagobés, que saíram do seu povoado para uma nova vida, os primos eram espécies de mortos vivos que se negavam a sair para o mundo. O clima de decadência do local combina com suas almas doentes. A fazenda abandonada às pragas apresenta, logo na entrada, um casco de cocho emborcado, local onde os primos todos os dias sentavam-se juntos e cabisbaixos para tomar sol e sofrer os sintomas da febre que invadiu seus corpos. O cocho pode ser interpretado como uma espécie de caixão, feito de madeira e tão destruído quando o restante da paisagem. Assim como os primos eram uma vaga lembrança de homens formosos de outrora, o cocho é uma peça desgastada pelo tempo com dois homens desgastados sentados nele.

A chegada repentina da doença e a destruição causada por ela espelha a chegada repentina do boiadeiro que arrastou o amor dos primos, destruindo suas promissoras vidas. Os poucos habitantes que restaram no povoado abandonaram o local para fugir da morte, assim como Luísa, que abandonou os primos, deixando-os a mercê da doença e da dor da perda do amor, causando neles uma morte simbólica.

Ao final de “Sarapalha”, Ribeiro descobre o amor de Argemiro por sua ex-esposa e, furioso, o expulsa. Argemiro vai embora,

desnorteado e trêmulo por conta do avanço da doença deita-se para morrer. Nesse momento há uma descrição pormenorizada do espaço de uma forma que homem e ambiente se misturam. Enquanto Argemiro enfrenta os tremores e a morte vem chegando como uma espécie de libertação, Guimarães Rosa encerra o conto:

Estremecem, amarelas, as flores de aroeira. Há um frêmito nos caules rosados da erva de sapo. A erva de anum crispa as folhas, longas, como folhas de mangueira. Trepidam, sacudindo as suas estrelinhas alaranjadas, os ramos da vassourinha. Tirita a mamona, de folhas peludas, como o corselete de um caçununga, brilhando em verde azul. A pitangueira se abala, do jarrete à garimpa. E o açoita-cavalos derruba frutinhas fendilhadas, entrando em convulsões

— Mas, meu Deus, como isto é bonito! Que lugar bonito pra gente deitar no chão e se acabar!...

É o mato, todo enfeitado, tremendo também com a sezão. (ROSA, 2012, p.156)

No espaço marcado pelo abandono, a natureza toma lentamente o lugar que outrora era dos homens, homens que foram se tornando bichos a espera do destino. Enquanto a morte circunda os velhos, a natureza se enche de vida. O Espaço geográfico está sempre ligado às etapas de vida dos personagens, são elementos indissociáveis na obra de Guimarães.

GUIMARÃES ROSA'S LANDSCAPE: THE GEOGRAPHICAL SPACE AS REPRESENTATION OF THE COUNTRYMAN'S SOUL

ABSTRACT

In Guimarães Rosa's work space issues are as relevant as the other elements, such as characters, time, plot, etc., as they are fundamental for the development of tragic, comic, dramatic, fantastic, romantic, and love situations in his prose. This study aims to discuss, through the analysis of the short stories "Os irmãos Dagobé" and "Sarapalha", with the support

of some theoretical foundations and a dictionary of symbols, how much the characters' personality, values, relationships and attitudes are linked to the *sertão* (backlands) and its regional peculiarities, as well as how much the internal changes are linked directly to external ones. The short stories adopted for this study, a short narrative and another more extensive one, have different ways of showing how much the *sertão* has a particular way to penetrate the individual's soul and determine the direction of the perspectives inherent to man, such as survival, abandonment, loneliness and the fine line between life and death.

Keywords: Guimarães Rosa. Landscape. *Sertão*. Representation.

REFERÊNCIAS

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de Símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números**. Coordenação de Carlos Sussekind. Tradução de Vera da Costa e Silva, Raul de Sá Barbosa, Angela Melim e Lúcia Melim. 14. ed. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1999.

CORTÁZAR, Julio. **Valise de cronópio**. Tradução Davi Arrigucci Jr. São Paulo: Perspectiva, 1974

COUTINHO, Afrânio. **A literatura no Brasil**. Volume VI, parte III/ Relações e perspectivas. 3 ed. revista e atualizada. José Olympio Editora: Rio de Janeiro/Niterói

MELO, Vera Mayrinch. Paisagem e simbolismo. In **Paisagem, imaginário e espaço**. Organizadores, Zeny Eosendahl, Roberto Lobato Corrêa. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2001.

ROSA, João Guimarães. **Grande sertão: veredas**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1965.

ROSA, João Guimarães. **Primeiras estórias**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1979.

ROSA, João Guimarães. **Sagarana**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

ROSA, João Guimarães. **Tutaméia: terceiras estórias**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

Recebido em: 11/06/2016

Aceito em: 09/05/2016